

# Após reunião histórica, um acordo e muitas dúvidas

Trump e Kim acertaram desnuclearização completa da Coreia do Norte, mas sem prazo

DE SINGAPURA

Donald Trump e Kim Jong-Un celebraram ontem uma reunião de cúpula histórica, que terminou em um acordo no qual a Coreia do Norte prometeu uma "desnuclearização completa", mas deixa muitas perguntas sem respostas.

Após décadas de tensão pelas ambições nucleares da Coreia do Norte, o presidente americano afirmou que o "processo de desnuclearização" poderá começar "muito em breve".

A frase é bastante vaga a respeito de um calendário e cita negociações posteriores, que começarão a partir da semana que vem e serão lideradas pelo secretário de Estado americano, Mike Pompeo.

O documento também não afirma que a desnuclearização será "verificável e irreversível" como exigiam os Estados Unidos, o que poderia ser interpretado como um recuo de Trump.

"Kim Jong-Un reiterou o compromisso firme e inquebrantável a favor de uma desnuclearização completa da península coreana", afirma o documento.

"A Coreia do Norte não prometeu nada mais do que promete há 25 anos", afirmou Vipin Narang, professor do Massachusetts Institute of Technology. "A esta altura, não há nenhuma razão para pensar que a cúpula resulte em algo mais concreto em termos de desarmamento".

Analistas e historiadores acreditam que existe uma possibilidade, mas recordam que o regime de Pyongyang tem um histórico de promessas não cumpridas. Em 1994 e em 2005 foram anunciados acordos que nunca foram aplicados.

APERTO DE MÃOS

Na longa e desordenada entrevista coletiva posterior, Donald Trump, que disse não ter dormido durante 25 horas, afirmou, sem revelar detalhes, que a desnuclearização será submetida a verificações e que as sanções contra a Coreia do Norte permanecerão em vigor enquanto persistir a "ameaça"

## A CÚPULA ENTRE EUA E COREIA DO NORTE

O líder norte-coreano e o presidente americano assinaram um acordo conjunto em 12 de junho



Kim e Trump após a reunião no hotel Capella da Ilha Sentosa, em Singapura, em 12 de junho de 2018

Foto AFP/Anthony Wallace

### Principais pontos do acordo

Segundo uma fotografia do documento nas mãos de Trump

- A Coreia do Norte se compromete a trabalhar pela «desnuclearização completa da península coreana»
- Os Estados Unidos «se comprometem a dar garantias de segurança» para a Cor. do Norte
- Os dois países se comprometem a estabelecer «novas relações»
- As duas partes unirão esforços para construir uma paz duradoura na península da Coreia
- Os dois países se comprometem a recuperar os restos de soldados americanos que morreram na Coreia do Norte



das armas nucleares.

Trump anunciou que Pyongyang destruirá uma instalação de testes de mísseis e fez uma importante concessão, ao informar que encerrará as manobras militares conjuntas com a Coreia do Sul, cujo fim a Coreia do Norte exige há anos.

Declarações que visivelmente surpreenderam o comando das Forças Americanas na Coreia do Sul, que disse em comunicado não ter "recebido nenhuma instrução sobre a aplicação ou fim das manobras", incluindo o exercício previsto para o fim do verão.

Esta reunião, a primeira entre um presidente americano no cargo e um líder norte-coreano, foi marcada por apertos de mãos e sorrisos, algo inimaginável há alguns meses, quando os dois tro-

cavam ameaças e insultos.

Kim afirmou que "virou a página" e superou obstáculos para chegar a um encontro que é "um bom prelúdio para a paz".

Trump considerou que estabeleceu "um vínculo especial" com o líder do regime norte-coreano, que comanda o país com mão de ferro, assim como seu pai e seu avô.

Sorridente, Trump considerou a reunião "realmente fantástica" e que transcorreu "melhor do que qualquer um teria esperado" e permitiu fazer "muitos progressos".

Donald Trump multiplicou as demonstrações de afeto e elogiou Kim, a quem chamou de "muito talentoso" e "ótimo negociador", palavras geralmente reservadas a aliados.

Trump também se declarou

disposto a convidar Kim à Casa Branca e não descartou viajar, "no momento apropriado", a Pyongyang.

### CONVITE ACEITO

O líder norte-coreano convidou o colega norte-americano para ir a Pyongyang e também concordou em visitar os Estados Unidos, informou a KCNA, agência de notícias estatal norte-coreana.

"Os dois principais líderes aceitaram o convite um do outro, convencidos de que isso serviria como mais uma ocasião importante para melhorar as relações entre a Coreia do Norte e os EUA", acrescentou a nota da agência.

A reunião foi elogiada por aliados dos EUA, pela China e pela ONU. (France Presse)

## COMENTÁRIO

DANIEL REI CORONATO PROFESSOR DO CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UNISANTOS  
FABIANO L. DE MENEZES COORDENADOR DO CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UNISANTOS

### Um pequeno grande passo

A tensão na península coreana é um dos últimos resquícios da Guerra Fria, resultado direto da ingerência de americanos e soviéticos na região após o fim da Segunda Guerra Mundial. Desde então se alternaram momentos de maior ou menor tensão, no entanto, jamais se alcançou uma estabilidade duradoura, mesmo após a dissolução da União Soviética.

Assim, a reunião histórica entre Donald Trump e Kim Jong-Un representa desde já um dos episódios mais importantes da década. A iniciativa de aproximação altera, ao

menos momentaneamente, o modelo de relações até então estabelecido entre os dois países, trocando a retórica belicista por um conjunto de compromissos recíprocos. A promessa divulgada pelo presidente norte-americano logo após o encontro, em encerrar os exercícios militares conjuntos com a Coreia do Sul, parece o grande demonstrativo desse novo momento.

Para o regime de Pyongyang, o encontro simbolizou o fim de um ostracismo imposto por Washington, abrindo espaço para normalização das suas relações com o resto do mundo. Durante as últimas décadas, o isolamento norte-coreano parecia se intensificar à medida que o programa nuclear impulsionado por Kim Jong-Un se desenvolvia, encontrando resistência inclusive entre governos aliados, entre eles o chinês. Em 2017, a percepção geral era que a escalada militar poderia desencadear um conflito de grandes proporções e resultados indefinidos, causando um tremor na Coreia do Sul e no Japão.

Apesar dos avanços no campo diplomático e da suspensão das ameaças de lado a lado, no plano prático o acordo produz incertezas e ceticismo. A declaração conjunta trata apenas de maneira superficial sobre temáticas sensíveis - especialmente a desnuclearização da península coreana e a promessa de construção de um regime de paz sólido e duradouro na região - não apresentando um plano concreto de como as duas metas serão atingidas, assim como a responsabilidade dos atores envolvidos, como também o fim das sanções econômicas contra a Coreia do Norte. No entanto, esse pequeno avanço diplomático já é um marco que pode ser comemorado.

Por outro lado, a mudança constante de posicionamentos e o estilo agressivo nas negociações de Trump dificultam quaisquer prognósticos sobre os desdobramentos - a partir de agora - da relação entre EUA e Coreia do Norte. Prova disso foi a sua controversa atuação na reunião do G7, realizada no Canadá na semana passada, em que

recusou assinar o comunicado final após um confronto sobre a nova política tarifária aplicada pelos EUA na importação de aço e alumínio, além da decisão por ele tomada de abandonar o acordo que limitava o programa nuclear iraniano. Por fim, pelo Twitter chamou o primeiro-ministro do Canadá de "desonesto e fraco". Ou seja, se a atitude de Trump com um país vizinho, aliado, democrático e parceiro pode chegar em tal nível, imagina o que pode ocorrer com a Coreia do Norte.

Ainda assim, o aperto de mãos entre os dois líderes representa uma oportunidade histórica. Até pouco tempo considerado como algo improvável, a dobradinha entre Trump e Kim tem potencial para se aproximar daquelas realizadas entre Richard Nixon e Mao Tsé-Tung, e depois Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev. Todavia os desdobramentos das próximas semanas revelarão se esse pequeno grande passo tem potencial de se materializar.

